

Fotografia: trechos de uma entrevista

Em novembro de 1992 o CEPdePA lançou a primeira edição de sua revista. Na época, a Comissão de Biblioteca e Publicações era dirigida pelo psicanalista João Pedro Barros Cassal, a quem convidamos para nos contar um pouco dessa história. Aproveitamo-nos, para tanto, da releitura desta edição, que apontava o desejo de que a revista fosse um espelho, a partir do qual os contornos do rosto do CEPdePA ficassem mais nítidos e pudessem ser mostrados a todos com orgulho. Abaixo, alguns trechos do que nos foi contado por ele:

“Na época em que pensamos em editar a revista o CEP estava apenas em sua 8ª turma de formação. Tínhamos a ideia inicial de lançar dois números por ano, o que restou apenas como um projeto. A revista surgiu no Departamento de Biblioteca e Publicações, cujo diretor estava encarregado do acervo da biblioteca e da publicação do Boletim Informativo (circulação interna), o qual tinha como editores colegas que faziam parte da aludida comissão. E a revista apareceu, de um lado, como um modo de se estimular a escrita, mas também como uma forma de memória do que era produzido e estudado aqui.

Formamos, então, uma equipe composta por colegas que estavam próximos e interessados pelo projeto da biblioteca e por uma publicação que estaria então se gestando. Era 1992, algumas dessas pessoas recém havia se formado. Faziam parte desse grupo Ana Paula Terra Machado, César Antunes, Anamaria Contiero, Augusta Gerchmann, Sueli Souza Santos, Marisa Hutz, Fernando Borges, e Júlio Conte. Havia uma limitação, que se referia a quantidade de material necessário para se produzir uma revista. Tanto isso era verdade que os primeiros números se sustentavam a partir das jornadas anuais do CEP. A dificuldade para as instituições maiores era da escolha, do que seria ou não publicado. Não era o caso do CEP, que era uma instituição relativamente jovem, tinha 8 anos.

Entre nós, o problema era que dificilmente conseguiríamos ter uma quantidade expressiva de trabalhos dentro da instituição. Contávamos com cinco turmas, e o número de pessoas envolvidas com a transmissão do conhecimento era restrito. Então o que sustentou as primeiras edições foram as jornadas científicas, em artigos como o do Cornelius Castoriadis, do Geraldo Stein, entre outros. Tivemos também a ideia de homenagear pessoas conceituadas, como Ángel Garmá, que foi contemporâneo de Freud e um dos membros mais destacados da APA. E então, se não me engano através do Fernando Kunzler, conseguiu-se agendar um encontro com ele, que foi publicado na primeira edição pela Ana Paula (Terra Machado) e pela Ana Rosa (Trachtenberg). Outro marco da revista inaugural é um artigo sobre a história do CEP, escrito pelo Newton Aronis, pelo César Bastos e pelo Lores Meller. São os primeiros fundadores, era importante apresentá-los.

Queríamos mostrar um pouco do que circulava dentro da instituição e fazer com que a mesma produzisse. Nossa intenção era valorizar todos os membros do CEP que quisessem mandar um trabalho. Mas ainda assim, não contávamos com uma farta produção. Então, se formos ver a segunda edição, tínhamos 14 artigos, sendo que cinco deles foram apresentados na jornada do CEP, em 1992. Tentávamos estimular a escrita interna e os que redigiram trabalhos eram também aqueles que concluíam a formação. Então era bem democrático: que todos que quisessem, produzissem. Uma coisa bem interessante, se vocês forem ver, é que todos os que escreviam se nomeavam apenas psicanalistas. Mais nada. A ideia proposta para as pessoas era que todos, mesmo com menos percurso, se entitassem psicanalistas. Hoje é comum que as pessoas se nomeiem do CEP, da Brasileira... Nós queríamos abraçar pessoas com diferentes percursos, tentando romper com hierarquias.

Quanto à capa da revista, tínhamos vários modelos, como por exemplo a Nouvelle Revue de Psychanalyse e a Revue Française de Psychanalyse, que mantinham sempre um mesmo padrão, a mesma imagem. Isso cria uma identidade. Desde a revista de número 1 até a de número 40, são todas iguais. O padrão de redação dessas revistas se mantinha por muitos anos. A proposta então era que se encontrasse uma capa que se achasse por bem manter.

Almejávamos uma imagem esteticamente relevante, em primeiro lugar. Depois, que tivesse uma relação com o que a gente trabalha. Então, nos lembramos de um quadro do René Magritte, pintor belga da primeira metade do século XX. Essa obra se chama 'A Condição Humana'. Trata-se da representação de uma representação. Nessa temática, tem também um quadro do Velasquez, 'As Meninas', em que o pintor está no canto da tela, pintando algumas meninas - entre as quais, a Infanta. A imagem do Magritte é interessante porque tem um tripé e uma tela, que é a própria natureza que está atrás. Representação de representação, ou seja, um desdobramento que remete sabe-se lá até onde. A ideia ali era isso... do que se representa! A essência da psicanálise está aí. Desde o início aprendemos que não é a coisa que interessa, mas a representação que cada um de nós faz do que se faz representar. E nós não tínhamos dinheiro para fazer essa capa a cores. Posteriormente foi editado um número mais próspero, onde foi possível mostrar a imagem com todas suas nuances. Mas me pareceu naquele momento que seria uma revista caseira, à qual queríamos dar um certo prestígio através de convidados.

Hoje parece que isso se perdeu um pouco. De certa forma, a revista do CEP entrou no rol das revistas mais tradicionais, na medida em que começou a ter normas. Agora respondemos a um padrão, e na época não estávamos preocupados com isso. Afinal, o CEP não era uma instituição padrão! Pode ser que agora esteja se padronizando um pouco. Na época, 1992, nem todos conseguiam ter uma supervisão sob a chancela de 'formação psicanalítica'. Alguns admitiam seus supervisionandos, mas sob a condição de que aquilo fosse considerado uma supervisão em psicoterapia psicanalítica. E as pessoas acatavam isso, porque era a única forma de se ter aquela supervisão. Afinal, pouco antes o CEP era Centro de Estudos e Pesquisa em Psicoterapias (CEPP). Depois, ficou Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Nesse ponto, tínhamos uma revista pioneira.

Todo esse contexto possibilitava que quem tivesse feito formação apenas no CEP se sentisse autorizado a dizer-se psicanalista. Naquele momento, era quase que um ato de coragem fazer isso. Vejamos aqui um exemplo... o Julio Conte... se intitulava psicanalista. E isso que ele fez medicina, não era psicólogo. Depois, fundou a Bion, mas não fez formação em nenhuma outra instituição. E estava lá,

mostrando a cara. Então tinha quem se nomeava psicanalista a partir do que o CEP proporcionava.

Deste modo, embora a instituição CEP não se dissesse formadora em psicanálise, outorgava o reconhecimento de que dali se sairia psicanalista. Então, se o Lores (Meller), por exemplo, encaminhava um paciente para alguém analisar, ele estava confirmando a identidade daquele profissional como um psicanalista. Não era a instituição, mas alguns dos membros que sustentavam e reconheciam este lugar. Não se tinha vergonha de se mostrar nesse estado e nessa relação que se mantinha com a psicanálise, nessa relação com as instituições ligadas a IPA. Portanto, se a revista era mais magrinha, mais pobre...ela tem essa importância, de marcar este lugar. E também de mostrar essa referência com as pessoas que estavam formando psicanalistas, como o Geraldo Stein, que foi analista da Dorothea, o próprio Garma, reconhecido em toda IPA. Foi muito importante este início.

Hoje é diferente, contamos com um expressivo número de associados. Isso é uma conquista nossa. Quanto à revista ter a grande maioria dos trabalhos proveniente de membros do CEP, poder-se-ia imaginar que há um fechamento, mas não acredito que seja disso que se trate. Penso que tenha sido criado na cultura do CEP algo que é bastante natural, que é produzir. Acho que qualquer um pode escrever, desde que avaliado anonimamente. Isso era diferente lá, porque tínhamos uma certa necessidade.

Vendo a evolução da revista até os dias de hoje, me vem à cabeça um livro do Pontalis (nos mostra o livro *Ce temps qui ne passe pas*). Ele foi editor de muitas publicações, sabe a importância disso. Mas, de uma maneira fantástica, ele diz que quando vai para o consultório e ouve o discurso do paciente, esse discurso é novo. Incrível, isso: o novo está ali, na clínica. Mesmo o discurso do paciente que ele ouve há 20 anos. É novo, e isso é fascinante. Lembrem-se de Baudelaire: *‘Que ela (a fotografia) salve do esquecimento as ruínas pendentes, os livros e manuscritos que o tempo devora, coisas preciosas cuja forma vai desaparecer e que solicitam um lugar nos arquivos de nossa memória, ela será rememorada e aplaudida. Mas se lhe for permitido adentrar no domínio do impalpável e do imaginário, sobretudo naquilo que o homem adiciona a sua alma, então ai de todos.’*”

Entrevistadoras: Ivete Caon Biondo e Margarida Viñas Ribeiro Lima